Coletivo Anarquista Luta de Classe

NO BATENTE

Coordenação Anarquista Brasileira

Nº 7 , Julho de 2017

Pág. 1
100 anos da Greve Geral de 1917

Pág. 2
5 séculos de resistência

Pág. 3
A História sendo construída: Ocupações de Escolas no Paraná

Pág. 4
Notas Libertárias

100 anos da Greve Geral de 1917

No ano em que comemoramos 100 anos de um dos mais emblemáticos episódios de luta da classe oprimida no Brasil também sofremos a perda de vários direitos conquistados naquele período. Por isso é necessário rever seus acontecimentos e utilizar da experiência acumulada para fermentar as lutas que travamos hoje e no futuro.

Contexto histórico

Eram tempos difíceis. Entre 1914 e 1917 o Brasil passou a ser um grande exportador de matéria prima e mercadorias devido à 1ª Guerra Mundial. Com o aumento da demanda na indústria e para obter altos lucros os empresários condenavam as trabalhadoras e trabalhadores a jornadas de trabalho de até 16 horas por dia, incluindo os domingos até o meio-dia, com salários de miséria. Os filhos dos operários de cinco a oito anos também trabalhavam nas fábricas, sofriam com mutilações nas máquinas e com jornadas noturnas.

Nesse cenário começaram a surgir ligas de trabalhadores e sindicatos, em grande parte vinculada a centros culturais e ateneus de presença e influência anarquista. A Greve Geral não aconteceu de forma espontânea, foi fruto de longo período de preparação e auto-organização, partindo dos acúmulos da grande greve de 1903. A pauta da Greve Geral apareceu no 1º Congresso Operário Brasileiro em 1906 e no 2º Congresso em 1913.

As reivindicações eram estabelecidas de acordo com as necessidades econômicas e a organização dos trabalhadores funcionava por meio de assembleias,

construindo as decisões de baixo para cima, sem burocracia sindical e com muita solidariedade. Para atrair mais gente e formar quem estava na luta eram feitos centros de cultura, bibliotecas populares, festivais, peças teatrais e jornais.

Naquele período milhares de trabalhadoras e trabalhadores eram anarquistas e o sindicalismo revolucionário era a estratégia sindical mais forte. A primeira Central Sindical Brasileira, a COB (Confederação Operária Brasileira), foi fundada em 1906 e era hegemonicamente Sindicalista Revolucionária.

A Greve Geral no Brasil

A partir de maio de 1917 começam a surgir greves e em junho estouro uma greve das trabalhadoras da indústria têxtil, em São Paulo. O crescimento do movimento grevista provocou o combate entre operários e policiais, causando a morte do sapateiro anarquista José Martinez, o que se tornou a fagulha para iniciar a Greve Geral.
A luta, que era mais especificamente por condições no local de trabalho, logo se espalhou para outras categorias e estados. Logo mais de 100 mil pessoas participavam e greve ganhou pautas mais gerais.

As vitórias do movimento foram: 8 horas de trabalho (na maioria das categorias), melhores condições de trabalho, aumento em 20% nos salários, não demissão dos grevistas, proibição do trabalho infantil, libertação dos presos durante a greve e defesa dos direitos das mulheres (que sofriam violência dos patrões e contra-mestres).

A Greve Geral no Paraná

Trabalhadoras e trabalhadores paranaenses foram delegados nos Congressos Operários Brasileiro que antecederam a greve e também organizaram um congresso estadual.

Em Curitiba, desde o início do século XX, já havia a presença de entidades como a Federação Operária Paranaense e a Liga dos Sapateiros de Curitiba, que eram importantes espaços de organização da classe trabalhadora. Em julho de 1917 explodiu a greve na cidade, marcada pela Ação Direta: trabalhadores cortaram a energia elétrica na cidade e derrubaram pontes para evitar a passagem de veículos e mercadorias. A repressão resultou em prisões, desaparecimentos e a tentativa, por parte do governo e dos empresários, de apagar qualquer vestígio que provasse a existência da Greve, porém, a classe oprimida venceu.

Lições para o presente

Passados 100 anos a Greve Geral segue sendo exemplo de luta e organização. Seu marcante caráter de base, calcado na solidariedade e na ação direta garantiram que hoje tivéssemos os direitos que agora estão sendo severamente atacados.

Que possamos nos inspirar na luta histórica das trabalhadoras e trabalhadores por uma sociedade livre, justa, solidária e igualitária, fazendo frente aos muitos ataques que sofremos no presente.

Não está morto quem peleia!

Viva a Greve Geral de 1917!

Viva o Sindicalismo Revolucionário!

A História sendo construída: ocupações de escolas no Paraná

As mais de 850 escolas estaduais ocupadas no Paraná em 2016 foram um marco na história da luta estudantil mundial. Este processo, que não era previsível nem pelos estudantes, professores e pesquisadores, tampouco pelos movimentos sociais e organizações políticas, se deve em grande medida pela influência de outros processos de luta na América Latina.

Ocupações secundaristas anteriores

No ano de 2006 houve, no Chile, uma onda de ocupações de escolas chamada A Revolta dos Pinguins. Esta experiência de luta com protagonismo estudantil seguiu inspirando estudantes e foi talvez a maior influência para o processo brasileiro do final de 2015 e início de 2016. Em São Paulo mais de 200 escolas foram ocupadas contra o fechamento de escolas proposto por Alckmin (PSDB) e ao redor do país houve também ocupações contra o projeto Escola sem Partido, por merenda de qualidade e contra a privatização, terceirização e precarização da educação. Neste período, o Rio Grande do Sul ocupou mais de 100 escolas, o Rio de Janeiro e o Ceará tiveram mais de 50 e Goiás mais de 20.

Histórico de Lutas no Paraná

O estado do Paraná conta ainda com importante história de lutas e conquistas do povo, seja na cidade, no campo ou floresta. Neste estado houve expressiva luta estudantil contra a ditadura militar e aqui surgiu o maior movimento social organizado do mundo, o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra), além de dezenas de ocupações urbanas que marcaram os anos 80 e 90.

A tática de ocupar prédios públicos para reivindicar direitos é comum a muitos movimentos sociais e bastante utilizada por estudantes nas universidades públicas brasileiras. Estudantes da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Estadual de Londrina (UEL), Universidade Estadual de Maringá (UEM), utilizaram esta tática diversas vezes, tomando o prédio da Reitoria e impedindo o

funcionamento normal da instituição até que as pautas fossem negociadas. Desde os anos 2000 a UFPR, por exemplo, teve sua Reitoria e campus ocupados por quatro vezes, na UEL, foram três ocupações até agora; e na UEM duas. Ou seja, esta prática marcou a história das universidades, escolas e escolas técnicas por todo o Paraná e pelo Brasil.

Além das lutas estudantis propriamente ditas, outros processos de luta influenciaram os secundaristas paranaenses. Recentemente, em 2015, houve um episódio conhecido como Massacre do Centro Cívico, que aconteceu em 29 de abril em Curitiba. Neste dia milhares de trabalhadoras e trabalhadores de diversas categorias do funcionalismo público municipal foram atacados com bala de borracha, spray de pimenta e bombas de gás lacrimogênio. Neste período ocorreram duas ocupações da Assembleia Legislativa do Estado do Paraná (ALEP), protagonizadas por educadores, estudantes e outros trabalhadores indignados contra o Pacotaço de Maldades proposto por Beto Richa (PSDB). Vários dos estudantes presentes em solidariedade aos seus professores ocuparam suas escolas cerca um ano e meio depois para, mais uma vez, defender a educação publica e nossos direitos.

Jornadas de Junho de 2013

As Jornadas de Junho de 2013 foi também um processo de lutas importantíssimo, conhecido no Brasil e no mundo. Foram milhões de pessoas nas ruas lutando inicialmente contra os aumentos nas tarifas do transporte público e depois estendendo para várias outras pautas, reivindicando, sobretudo, serviços públicos de qualidade. O movimento foi construído independente de partidos políticos e empresas e conquistou redução no valor da passagem de ônibus em mais de 100 cidades brasileiras. Este período marcou a história da luta do povo oprimido no Brasil, demonstrando que é nas ruas que o povo irá forjar seu próprio caminho e que só assim é possível barrar os ataques dos poderosos.

Lições com estas lutas

Todas estas experiências foram marcadas pela intensa defesa de autonomia dos movimentos. Os protagonistas foram as próprias pessoas afetadas pelos diferentes ataques dos de cima. Muitas contribuições foram feitas e muito apoio foi dado por diversas pessoas, coletivos e organizações políticas, mas palavra de ordem entoada pelos estudantes deixava claro seu caráter: "Autonomia, autogestão, é nós por nós defendendo a educação!". Apareceram também organizações políticas e pessoas contrarias ao movimento tentando desconstruí-lo, mas os estudantes resistiram e quem discutiu e deliberou os rumos das ocupações foram as pessoas diretamente envolvidas.

A combatividade dos movimentos sociais tem estado cada vez mais presente no cenário brasileiro, com aumento no número e na força das ocupações, trancamentos de ruas e marchas que param as cidades. Não foi por meio de conchavos e conversas de gabinete que garantimos nossos direitos, mas sim com a luta combativa das massas. Ainda assim, para combater os ataques com efetividade e coerência foi e é necessário um processo de aprendizagem e auto-organização. Assembleias permitiram que estudantes e trabalhadores entendessem de que modo cada ataque afetaria o futuro e decidissem os rumos que o movimento deveria tomar, disseminando a democracia de base e se distanciando da autoridade de dirigentes.

Contudo, não ganhamos todas as batalhas e muitas ainda estão por vir. O desafio é fazer com que os acúmulos destes processos não se percam e caminhar para o fortalecimento das organizações na base. Muitas destas lutas, entretanto, demonstram fragilidades de organização no campo tático/estratégico. É só com a prática concreta e o acumulo histórico da classe oprimida que podemos avançar e fortalecer a luta do povo. **As ocupações de escolas e as lutas que as antecederam nos dão valiosas lições que permitem acertarmos mais no futuro para garantirmos mais direitos!**

5 séculos de resistência!

É fato que as expansões marítimas do século XIV, primeiro por Portugal e Espanha e depois pela Inglaterra, foram de fundamental importância para o desenvolvimento e o assentamento das bases do capitalismo global. A invasão europeia provocou transformações drásticas no modo de vida dos moradores destes territórios já habitados há 50 mil anos.

Os mais de 1.300 povos que viviam onde hoje é o Brasil tiveram diver-

sas que desenvolver as mais diversas formas de resistência ao massacre colonial ou entregar-se como mão-de-obra escrava. As mulheres foram estupradas e tiveram seus ventres utilizados como reprodutores da força de trabalho. Muitos povos foram dizimados, por epidemias trazidas pelos jesuítas e pela política de escravização e extermínio deliberada pela Coroa Portuguesa.

A Confederação dos Tamoios: está declarada a guerra contra os perós!

O litoral brasileiro era povoado pelo povo Tupinambá e o explorador português João Ramalho, em um contexto de avanço nas matas para a captura e escravização de indígenas, prendeu o líder tupinambá Cairuçu e o manteve encarcerado sob péssimas condições até sua morte. Seu filho Aimberê, também escravizado e revoltado com a morte do pai, comandou uma rebelião indígena que permitiu uma grande fuga do cativeiro. Aimberê assumiu então a liderança deixada pelo pai e declarou guerra aos perós (assim eram chamados os portugueses). Aimberê reuniu-se com lideranças tupinambás e com outros povos, como os Goitacazes e Aimorés, para articular o que viria a ser o primeiro levante contra a invasão portuguesa. A partir daí foi constituído o Entrincheiramento de Uruçumirim na Baía da Guanabara/RJ, uma organização que se tornou o foco da resistência indígena contra o projeto colonial de Portugal para a América, e ficou conhecida como a Confederação dos Tamoios (1554-1567).

No decorrer destes cinco séculos de dominação, estes povos continuaram e continuam se levantando contra o domínio dos poderosos sobre os seus territórios, e de maneira alguma estão apontando para o abandono da luta. As retomadas de seus territórios ancestrais nas últimas décadas só têm crescido, demonstrando o quanto ainda está presente e vivo o espírito da Confederação dos Tamoios de não se submeter e não entregar o Território Originário ao invasor colonial.

Diante da lentidão propositada do Estado Brasileiro em reconhecer e demarcar os Territórios Indígenas, estes povos o têm feito com suas próprias mãos e sangue. Seus territórios são condição elementar para a reprodução de seu modo de vida sendo assim o eixo-central de sua luta. É a partir da retomada e autodemarcação das terras que estes povos têm demonstrado que a solução não está no Estado, mas sim na luta social. Os povos indígenas têm enfrentado e disputado espaço no campo contra o Agronegócio e a burguesia latifundiária, sendo que estas dispõem da maior bancada no Congresso Nacional, controlam os meios de comunicação de massa e ainda contam com a violência de jagunços e polícias, orquestrando as maiores atrocidades contra mulheres, homens e crianças.

A crueldade e a tentativa de submeter e exterminar estes povos se perpetua desde os colonizadores. Hoje em dia, entretanto, é o Estado "Democrático de Direito", e os grandes capitalistas e ruralistas que se colocam como classe dominante. Porém, ainda hoje, mais de 300 povos originários sobrevivem e resistem ao avanço do domínio branco-burguês garantindo a continuidade de seus territórios e de sua cultura.

Viva a luta dos povos indígenas!

Viva a resistência!

Notas Libertárias

Saudações ao Coletivo Ação Direta (CAD)

Saudamos o Coletivo Ação Direta (CAD), organização política anarquista que atua no norte do Paraná, que completou 1 ano de existência em 18 de fevereiro de 2017! Que venham muitos anos de atuação anarquista organizada, trabalho de base, inserção social e vitórias para a classe oprimida! Viva o Anarquismo Organizado! Viva o Anarquismo no Paraná! Viva o CAD!

Círculo de Estudos Libertários (CEL)

O Coletivo Anarquista Luta de Classe (CALC) continua promovendo o Círculo de Estudos Libertários (CEL) na cidade de Curitiba. Todas as últimas terças-feiras do mês, no Prédio Histórico – Santos Andrade, sala 205 da Psicologia UFPR.

Após quase uma década de venda de livros anarquistas, o Coletivo Anarquista Luta de Classe lança a Livraria Alberto "Pocho" Mechoso, em homenagem a um grande militante anarquista uruguaio e com objetivo de propagandear ainda mais o anarquismo organizado por todo o Paraná.

anarquismopr.org/livrariapocho

facebook.com/livrariapocho

Eventos do CALC pelo Paraná em 2017

Durante este ano de 2017, o Coletivo Anarquista Luta de Classe (CALC) promoverá vários eventos no estado do Paraná, com os temas: O que é Anarquismo?, Especifismo: A Organização Política Anarquista na América do Sul e os 100 anos da Greve Geral de 1917. Faremos eventos em Londrina, Ponta Grossa, Matinhos, Curitiba e, possivelmente, em outros lugares!

Liberdade Para Rafael Braga!

anarquismopr.org
facebook.com/anarquismopr

anarquismo.noblogs.org
facebook.com/cabespecifista